



## Educação financeira para crianças: relato de experiência de um projeto de extensão

Adriana Stefanello Somavilla<sup>1</sup> - [adriana.soma@ifpr.edu.br](mailto:adriana.soma@ifpr.edu.br)

Crisiane Rezende Vilela de Oliveira<sup>2</sup> - [crisiane.oliveira@ifpr.edu.br](mailto:crisiane.oliveira@ifpr.edu.br)

Cristina Miho Takahashi Ikuta<sup>3</sup> - [miho.ikuta@gmail.com](mailto:miho.ikuta@gmail.com)

Isis Moura Tavares<sup>4</sup> - [isis.tavares@ifpr.edu.br](mailto:isis.tavares@ifpr.edu.br)

### **RESUMO**

Esse artigo destaca as ações do Projeto de Extensão Educação Financeira para Crianças, resultantes da parceria entre o Instituto Federal do Paraná (IFPR) e a Escola Municipal Eny Caldeira, realizada em 2014, na cidade de Curitiba/PR. A formação financeira promovida no ambiente escolar é uma das estratégias para que o aluno se torne agente de seu próprio desenvolvimento. Nessa direção, foram realizadas oficinas pedagógicas e multidisciplinares enfatizando o conceito de educação financeira. Foram desenvolvidas atividades com base nas vertentes informação e formação da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico. Nesse rumo, o objetivo do projeto foi influenciar a comunidade escolar para que a educação financeira esteja inserida no ensino fundamental, pois sua abordagem colabora para que as crianças sejam mais críticas, proativas e autônomas em relação às finanças.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Educação Financeira. Ensino Fundamental. Extensão. Oficinas Pedagógicas

1 Aluna regular do Programa de Pós-graduação em Ensino (PPGE) – Nível Mestrado na Unioeste/Foz do Iguaçu, professora de Matemática do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do IFPR/Foz do Iguaçu e integrante do NEPECS/IFG.

2 Aluna regular do Programa de Pós-graduação em Métodos Numéricos e Engenharia - Nível Doutorado na UFPR/Curitiba e professora de Matemática do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do IFPR/Curitiba e integrante do GTA0/UFPR.

3 Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Administração pela PUC/PR e acadêmica do Curso Superior em Ciências Contábeis – Bacharelado no IFPR/Curitiba.

4 Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Tecnologia pela UTFPR/PR e professora de Artes do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do IFPR/Curitiba.

## **ABSTRACT**

This article highlights the actions of the Extension Project called Financial Education for Children, resulting from the partnership between the Federal Institute of Paraná (IFPR) and the City School Eny Caldeira, held in 2014, in the city of Curitiba/PR. The Financial training provided in the school environment is one of the strategies for the student to become agent their own development. In this sense, educational workshops and multidisciplinary were held emphasizing the concept of Financial Education. Activities were developed based on information and training aspects the Organization for Economic Cooperation and Development. In this way, the project objective was to influence the school community for what the financial education is inserted in elementary school, because its approach contributes to children are more critical, proactive and autonomous in relation the finances.

## **KEYWORDS**

Financial Education. Elementary School. Extension. Pedagogical Workshops.

## 1 Introdução

A disciplina de educação financeira está inclusa na maioria dos currículos escolares nos países desenvolvidos. No Brasil, apesar de ser um tema de relevância social-econômica, a educação financeira ainda não é contemplada no projeto político-pedagógico da maioria das escolas públicas. A ausência de uma formação financeira no ambiente escolar é tão preocupante quanto a situação de desconhecimento sobre tal assunto pela maioria dos cidadãos brasileiros.

No artigo “Os paradigmas da educação financeira do Brasil”, os autores Savoia, Saito e Santana (2007) afirmam que o Brasil está num estágio de desenvolvimento inferior aos Estados Unidos e Reino Unido quanto à promoção da educação financeira. Os autores indicam três aspectos que diferenciam os países citados e o Brasil: a compreensão dos fatores históricos, culturais e a responsabilidade das instituições no processo da educação financeira. Embora a formação financeira dos indivíduos devesse vir de casa e ter sua complementação na escola, as instituições de ensino devem promover a formação integral da criança, inclusive no que diz respeito à educação financeira. Além disso, a criança pode ser o elo inicial entre a escola-família e escola-comunidade no que se refere às finanças pessoais, pois a educação financeira transcende o espaço escolar, e tende a criar uma cultura de autonomia e criticidade quanto à gestão financeira da própria família e vizinhança.

Nesse sentido, a abordagem do tema educação financeira nas escolas, desde o ensino infantil, além de ser uma das recomendações da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), é essencial para a construção da autonomia do aluno no que se refere às finanças. Pode-se dizer que com a instituição da Estratégia Nacional de Educação Financeira (ENEF)<sup>5</sup>, as instituições de ensino foram incentivadas a inserir o assunto no cotidiano dos alunos.

Dessa forma, estabeleceu-se a parceria entre o Instituto Federal do Paraná (IFPR) e a Escola Municipal Eny Caldeira, localizados na cidade de Curitiba/PR, sendo proposto o Projeto de Extensão Educação Financeira para Crianças. Participaram 75 alunos do 5º ano do ensino fundamental dessa escola, e os encontros aconteceram quinzenalmente, às terças-feiras à tarde, no período de agosto a dezembro de 2014.

A equipe do Instituto Federal do Paraná (IFPR) ficou responsável pela coordenação do projeto em questão, e foi composta por quatro docentes, uma psicóloga e 11 alunos, sendo 10 alunos do ensino técnico integrado e uma acadêmica do Curso Superior de Ciências Contábeis. Já na escola, o projeto teve a colaboração da direção, da equipe pedagógica e das professoras regentes das duas turmas.

Nessa perspectiva, por meio de uma abordagem multidisciplinar e lúdica, o conceito de educação financeira teve como base as duas vertentes especificadas pela Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico: informação e formação.

5 O site oficial da ENEF é o portal Vida e Dinheiro, disponível em <<http://www.vidaedinheiro.gov.br>>. Acesso em: 21 maio 2014.

Os colaboradores do projeto foram mediadores na proposta das oficinas pedagógicas denominadas: Escravos do dinheiro: trabalhando aspectos psicológicos do consumo, Uma conversa sobre sustentabilidade, Oficina com garrafas PET: Construção de cofrinhos, Educação para a vida financeira, Leitura e interpretação sobre finanças/Gibi de Super Heróis, Ficar doente custa caro, Sessão pipoca com filmes referentes à educação financeira infantil e Peça de teatro: Grupo Contraindicados.

Assim, esse artigo destaca as ações do projeto em tela, propondo-se a divulgar as oficinas desenvolvidas, as observações feitas pelo grupo de extensionistas, bem como as suas contribuições durante o processo de aprendizagem financeira dos alunos nos encontros. Além disso, o projeto pretende salientar a importância da inserção do assunto educação financeira no ensino fundamental, e de que forma o tema pode colaborar para que as crianças sejam mais críticas, proativas e autônomas em relação às finanças.

## 2 Considerações sobre a educação financeira no contexto atual

A Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) é uma organização internacional composta por 34 países que promove políticas públicas voltadas para o desenvolvimento econômico e o bem estar social ao redor do mundo. Quanto à educação financeira, sua recomendação é para que o tema comece a ser abordado o mais cedo possível, e considera, em especial, o aspecto comportamental das crianças.

Nesse sentido, seguindo a orientação da OCDE sobre a inserção da educação financeira nas escolas, pelo Decreto nº 7.397 de 22 de dezembro de 2010, foi instituída a Estratégia Nacional de Educação Financeira (ENEF) com a finalidade de promover a educação financeira e previdenciária e contribuir para o fortalecimento da cidadania, assim como a eficiência e solidez do sistema financeiro nacional, além da tomada de decisões conscientes por parte dos consumidores.

No Brasil, no documento de orientação para Educação Financeira nas escolas, proposto pela ENEF, constam as orientações pedagógicas relativas à Educação Financeira e currículo, informação e formação, e materiais didáticos. Esse documento aponta a Educação Financeira como a articuladora entre as áreas do conhecimento, e sugere ainda que o assunto seja introduzido na escola como um tema que transite entre as diversas áreas. Essa posição se confirma, porque a Educação Financeira atende aos seguintes quesitos:

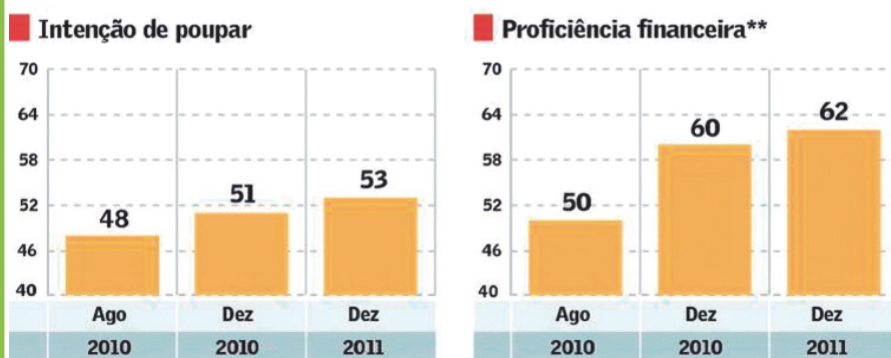
- seu desconhecimento pode comprometer a qualidade de vida das pessoas e impedir o exercício pleno da cidadania;
- sua abrangência afeta e demanda e a implicação de todas as esferas governamentais do país;
- seu estudo permite o desenvolvimento da capacidade de posicionar-se diante das questões que interferem na vida coletiva e, assim, abre a possibilidade de se superar a indiferença e de intervir nos rumos da nação de forma responsável. (ENEF, 2010, p. 80)

Nessa direção, o programa de governo federal instituiu o projeto piloto em 891 escolas públicas de ensino médio no Brasil (São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Ceará, Tocantins e Distrito Federal) entre agosto de 2010 e dezembro de 2011, abrangendo aproximadamente 27 mil estudantes e 1,2 mil professores. Nesse programa, a educação financeira foi tratada como um tema transversal no currículo escolar dos jovens, sendo abordada em 72 situações didáticas nas aulas de português, matemática, história, ciências, geografia, entre outras. Foi feita uma avaliação antes e depois da aplicação dos materiais, sendo aplicados questionários aos alunos, aos professores e aos pais ou responsáveis. Para os alunos, os instrumentos foram desenvolvidos para fornecer medidas sobre: educação financeira, autonomia financeira e intenção de poupar.

Segundo o Banco Internacional para Reconstrução e Desenvolvimento (BIRD), também conhecido como Banco Mundial, os resultados desse projeto piloto foram positivos (Fig. 1), pois os alunos que participaram dele lidaram melhor com o uso do dinheiro para compras ou poupança, em comparação aos estudantes que não tiveram acesso à iniciativa.

## Mudança de hábito

Os primeiros resultados da Estratégia Nacional de Educação Financeira\*



Fonte: Enef e Banco Mundial \* Notas atribuídas de acordo com sistema de avaliação desenvolvido com escala entre 0 e 100 pontos; \*\*Medida do conhecimento financeiro dos participantes do projeto

Figura 1: Resultados da Estratégia Nacional de Educação Financeira.

Fonte: Site Educar para Investir.<sup>6</sup>

No que se refere à educação financeira infantil, D'Aquino (2008) diz que é importante que as crianças saibam o valor do dinheiro em relação ao trabalho, e que o consumo deve vir após as necessidades básicas. Para a autora, as famílias desejam ter cada vez mais dinheiro, mas dificilmente elas se propõem a ensinar seus filhos como tratá-lo corretamente, e por consequência, não há educação financeira; não se aprende como ganhar, poupar, gastar ou doar dinheiro.

Já no que se refere ao modelo financeiro de uma criança, Eker (2006) afirma que se constitui essencialmente da informação que a pessoa recebeu no passado, sobretudo quando era criança.

Sabemos que algumas sociedades têm formas próprias de pensar sobre o dinheiro e de lidar com ele, enquanto outras fazem isso de um modo diferente. Você acredita que a criança sai do ventre da mãe com as atitudes formadas em relação ao dinheiro ou que ela é ensinada a lidar com ele? Acertou: Toda criança é ensinada a pensar e agir no que diz respeito às finanças, (EKER, 2006, p. 25).

O Documento de Orientações para Educação Financeira nas Escolas<sup>7</sup> (Plano Diretor da ENEF, 2010), afirma que a Educação Financeira prepara as futuras gerações para desenvolver nelas as competências e habilidades necessárias para lidar com as decisões financeiras tomadas ao longo de suas vidas. Esse documento orienta as escolas a trabalharem conectando-se, de forma interdisciplinar, às dimensões espacial e temporal (Fig.2).

O cotidiano se passa sempre em espaço e tempo determinados. Estando a Educação Financeira comprometida com esse cotidiano, sugere-se que seja estudada nas dimensões espacial e temporal. Na dimensão espacial, os conceitos da educação financeira se pautam no impacto das ações individuais sobre o contexto social, ou seja, das partes com o todo e vice-versa [...]. Na dimensão temporal, os espaços são atravessados por essa dimensão que conecta passado, presente e futuro numa cadeia de inter-relacionamentos que permitirá perceber o presente não somente como fruto de decisões tomadas no passado, mas também como o tempo em que se tomam certas iniciativas cujas consequências e resultados – positivos e negativos – serão colhidos no futuro, (ENEF, 2010, p. 58).

6 Portal Educar para Investir – Educação Financeira. Disponível em: <<http://www.educarparainvestir.com.br/2015/02/estrategia-nacional-educacao-financeira-enef-educarparainvestir.html>> Acesso em: 10 março 2015.

7 O Documento de Orientações para Educação Financeira nas Escolas se encontra no portal Vida e Dinheiro, disponível em <<http://www.vidaedineiro.gov.br/docs/PlanoDiretorENEF1.pdf>> Acesso em: 21 maio 2014.

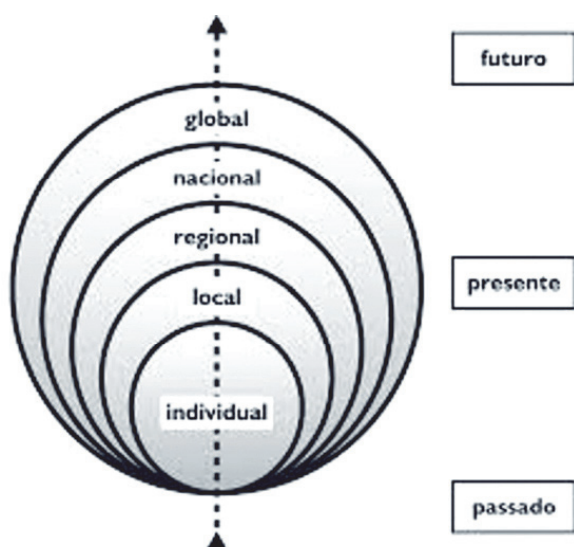


Figura 2: Dimensões espacial e temporal da educação financeira.

Fonte: Site Vida e Dinheiro.<sup>8</sup>

Esse documento identifica o conceito de educação financeira como processo a ser desenvolvido por meio de três vertentes: informação, formação e orientação. Nas escolas, são trabalhadas duas delas: informação e formação, pois as ações relativas à vertente orientação referem-se especificamente ao público adulto.

A vertente informação é definida como o provimento de fatos e dados, e os conhecimentos específicos para tornar as pessoas atentas a oportunidades e escolhas financeiras, bem como às suas consequências. A vertente formação, por sua vez, refere-se ao desenvolvimento dos valores e das competências necessários para entender termos e conceitos financeiros, por meio de ações educativas que preparem as pessoas para empreender projetos individuais e sociais (ENEF, 2010, p. 81).

Dessa forma, as vertentes associadas com os estudos da OCDE (2005) confirmam que tanto professores quanto alunos preferem trabalhar com situações que os envolvam em decisões da vida real (ENEF, 2010, p. 82).

Por fim, dentre algumas iniciativas no campo educacional quanto à inserção do tema educação financeira, destaca-se a 1ª Semana Nacional de Educação Financeira, que ocorreu em maio de 2014. Foram incluídas palestras, seminários, distribuição de cartilhas, teatros, narração de histórias, entre outros. Essa ação teve como objetivo a promoção de práticas conscientes e inteligentes para o bom uso do dinheiro. E ainda, essa união é considerada inédita em nível mundial, envolvendo 12 entidades públicas e privadas: ministérios da Educação, Fazenda, Justiça e Previdência Social, Banco Central, Comissão de Valores Mobiliários (CVM), Superintendência de Seguros Privados, Superintendência Nacional de Previdência Complementar, Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiros e de Capitais, BMF-Bovespa, Confederação Nacional das Empresas de Seguros e Federação Brasileira de Bancos. Essas iniciativas contribuem significativamente para a formação financeira dos indivíduos, porém a escola ainda é o melhor espaço para mediação no processo de educação financeira dos cidadãos.

### 3 Metodologia e resultados observados

Na primeira etapa do projeto de extensão, foi feita a visitação à Escola Municipal Eny Caldeira, no bairro Tingui, em Curitiba/PR. Após a concordância da escola em participar do projeto, ocorreram alguns encontros no período de março a julho de 2014, entre a equipe do Instituto Federal do Paraná (IFPR), a coordenação pedagógica, e as duas professoras regentes das turmas participantes do programa. A escola estabeleceu as turmas, o período e o dia da semana para o desenvolvimento das atividades extensionistas.

<sup>8</sup> Disponível em <<http://www.vidaedinheiro.gov.br/docs/PlanoDiretorENEF1.pdf>>. Acesso em: 21 maio 2014.

Assim, os encontros ocorreram a cada 15 dias, nas terças-feiras à tarde, com duração de duas horas para cada turma do 5º ano do ensino fundamental. Além disso, ficou decidido que as oficinas pedagógicas seriam articuladas com as disciplinas dessas turmas, na medida do possível, ou seja, na semana posterior a cada encontro, as turmas fariam atividades relativas ao assunto específico de cada oficina já trabalhada, de forma que se promovesse a integração entre o tema educação financeira com as atividades escritas, artísticas, cálculos matemáticos, entre outras.

Nessa direção, as oficinas pedagógicas tiveram uma abordagem lúdica e multidisciplinar, sendo mediadas por colaboradores do IFPR - Campus de Curitiba/PR, conforme suas aptidões e competências. Nesse aspecto, destaca-se a colaboração e a presença das professoras regentes em todas as oficinas, o que contribuiu para criar uma relação de respeito mútuo, cooperação e reciprocidade entre alunos – professoras – extensionistas, formando-se um ambiente propício para o desenvolvimento da autonomia dos alunos. Para o autor Shefani (2005), a construção da autonomia faz parte de um processo constante, que começa na escola e acompanha o aluno na sua vida.

Cada indivíduo participante do processo de formação do ser humano tem uma parte de responsabilidade nesse processo de mudança pela qual a educação passa. E a Educação Financeira vem ser um elo entre várias áreas do conhecimento, no sentido de fazer com que trabalhem juntas e formem na epistemologia do aluno conceitos capazes de instrumentalizá-lo para a construção de sua autonomia. (STHEPANI, 2005, p.12)

Já o conceito de educação financeira foi contextualizado com base nas vertentes informação e formação, e norteadas pelas dimensões espacial e temporal. A primeira relaciona os impactos das ações individuais com o contexto social e vice-versa, e compreende os níveis individual, local, regional, nacional e global. E na segunda dimensão, o conceito se propõe a mostrar que decisões financeiras tomadas no presente – positivas ou negativas - serão vivenciadas no futuro.

Nesse sentido, a equipe considerou importante iniciar as atividades do projeto abordando alguns aspectos psicológicos envolvidos nas questões do consumo. Abordaram-se os efeitos diretos da publicidade no comportamento das crianças, uma vez que nessa faixa etária, se não houver uma orientação financeira adequada, pode haver a confusão entre desejos e necessidades. Nesse contexto, a oficina Escravos do dinheiro: trabalhando aspectos psicológicos do consumo (Fig. 3) foi conduzida em consonância com o Código de defesa do Consumidor - Lei 8.078, de 11 de setembro de 1990 – como enuncia o art. 37 sobre a publicidade:

Art. 37. É proibida toda publicidade enganosa ou abusiva.

§ 1º É enganosa qualquer modalidade de informação ou comunicação de caráter publicitário, inteira ou parcialmente falsa, ou, por qualquer outro modo, mesmo por omissão, capaz de induzir em erro o consumidor a respeito da natureza, características, qualidade, quantidade, propriedades, origem, preço e quaisquer outros dados sobre produtos e serviços.

§ 2º É abusiva, dentre outras a publicidade discriminatória de qualquer natureza, a que incite à violência, explore o medo ou a superstição, se aproveite da deficiência de julgamento e experiência da criança, desrespeite valores ambientais, ou que seja capaz de induzir o consumidor a se comportar de forma prejudicial ou perigosa à sua saúde ou segurança (BRASIL, 1990).

Figura 3: Alunos do ensino fundamental em atividades.

Fonte: Acervo particular dos autores



Na continuidade das oficinas do projeto, os alunos analisaram situações do seu dia-a-dia quanto ao consumo consciente e a necessidade de reduzir, reutilizar e reciclar (Fig. 4). Nesse rumo, estando os temas educação financeira e sustentabilidade diretamente relacionados entre si, foram construídos cofrinhos com garrafas PET e outros materiais recicláveis trazidos de casa pelas crianças (Fig. 5).

Nessas duas primeiras oficinas foi percebido que as crianças não são tão influenciadas pela publicidade quanto a maioria dos adultos julgam, e que as crianças já entendem a diferença entre desejos e necessidades. De cada turma, observou-se que em torno de 15% dos alunos se mostraram mais favoráveis ao consumismo e com certa resistência quanto às práticas que visem à sustentabilidade.



Figura 4: Uma conversa sobre sustentabilidade.

Fonte: Acervo particular dos autores



Figura 5: Oficina com garrafas PET/Construção de cofrinhos.

Fonte: Acervo particular dos autores

Na sequência do projeto, optou-se por utilizar a ludicidade no processo de ensino-aprendizagem dos alunos, pois ao interagirem uns com os outros, desempenham papéis sociais (pai, mãe, irmãos e amigos), desenvolvendo a imaginação, a criatividade, a capacidade motora e o raciocínio lógico. Com essas atividades artísticas, além da sociabilização, alunos e professores puderam brincar de diferentes personagens, o que facilitou a abordagem de temas delicados, como a questão das finanças pessoais.

Nessa perspectiva, Feijo (1992) destaca os benefícios da ludicidade no desenvolvimento da criança:

Através do lúdico e de sua história são recuperados os modos e costumes das civilizações. As possibilidades que ele oferece à criança são enormes: é capaz de revelar as contradições existentes entre a perspectiva adulta e a infantil quando da interpretação do brinquedo; travar contato com desafios, buscar saciar a curiosidade de tudo, conhecer; representar as práticas sociais, liberar riqueza do imaginário infantil; enfrentar e superar barreiras e condicionamentos, ofertar a criação, imaginação e fantasia, desenvolvimento afetivo e cognitivo (FEIJO, 1992, p.185).

Com essa intenção, o Grupo Contraindicados fez uma adaptação teatral da coleção de livros: *O Menino e o Dinheiro*, do autor Reinaldo Domingos (Fig. 6).

Figura 6: Peça de teatro: *poupou, poupou, poupou* - Grupo Contraindicados/IFPR.

Fonte: Acervo particular dos autores



Na apresentação, as turmas foram separadas para que houvesse uma possibilidade de diálogo durante e após a peça de teatro. Depois de considerações sobre situações que acontecem na escola, na família e na comunidade relativas a posturas inadequadas quanto ao uso do dinheiro, por parte dos alunos, no encerramento da oficina, foi feita a doação da coleção de livros que inspirou essa encenação para a biblioteca da escola Eny Caldeira, como uma forma de incentivar a leitura dos alunos sobre educação financeira.

Para o autor Domingos (2008), o “modo como administramos nossos recursos ao longo da nossa vida é determinado pelos ensinamentos que recebemos”. Nesse contexto, segundo os dados da Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor, houve crescimento de 7,5% do número médio de famílias endividadas, com a média percentual de endividamento anual de 62,5% do total das famílias brasileiras. A mesma pesquisa mostra, ainda, que a média anual de percentual de famílias com contas ou dívidas em atraso, e do percentual sem condições de pagar seus débitos foi de 21,2% e 6,9% do total de famílias respectivamente (CNC, 2014). O autor Reinaldo Domingos aponta ainda em seu portal da internet<sup>9</sup>, o real problema das dificuldades financeiras e do endividamento da população:

O real problema está na falta de educação financeira, a qual infelizmente nossa população sofre em todo o processo educacional. Como matemática, português, história, entre outras, as finanças também são fundamentais para o nosso desenvolvimento educacional e intelectual, entretanto, diferente das citadas, essa matéria não consta no currículo escolar da maioria das escolas, nem mesmo no ensino superior.

Buscando colaborar nesse sentido, na oficina *Educação para a vida financeira*, os alunos realizaram a simulação de uma planilha financeira, utilizando duas áreas principais: receitas e despesas. Foram feitas simulações com situações do dia-a-dia dos alunos, trabalhando as contas fixas e variáveis que trouxeram de casa: prestação da casa própria ou aluguel, luz, água, telefone, supermercado, açougue, entre outros. Tal planilha salientou a necessidade do equilíbrio nos gastos, destacando a questão do endividamento da população, de uma forma geral. Nessa oficina, foi abordada também a questão da empregabilidade, no sentido de que quanto mais a pessoa estuda melhores as possibilidades de emprego, e por consequência, uma maior qualidade quanto às finanças pessoais.

9 Disponível em: <<http://www.reinaldodomingos.com.br/artigos-sobre-educacao-financiera/so-a-educacao-financiera-pode-mudar-a-realidade-de-endividamento>>. Acesso em: 24 jul 2015.



Na etapa seguinte do projeto, a oficina *Ficar doente custa caro*, iniciou com uma coleta de dados pelos próprios alunos, na família e na comunidade. Foi solicitado que eles anotassem numa planilha os remédios de uso contínuo que as pessoas usavam, o porquê do uso do medicamento e o preço. Eles tiveram um prazo de 15 dias para realizar a pesquisa. A partir dos dados trazidos pelas crianças foi constatado que para comprar os remédios, os gastos anteriormente planejados já não eram suficientes. Assim, perceberam que se tivessem bons hábitos, os benefícios futuros seriam tanto para a saúde quanto para as finanças individuais.

Foi abordada também a questão da prevenção ao uso do tabaco, principalmente porque seu uso contínuo pode provocar hipertensão, câncer, problemas pulmonares, entre outros. Foi feito, ainda, um comparativo de como o hábito de fumar pode afetar as finanças dessa pessoa. Por exemplo, se ela fuma há 15 anos, quanto ela pouparia se não gastasse aquele valor todos os dias? O que poderia ser feito com aquele dinheiro?

Na sequência, foi proposta a oficina *Leitura e interpretação sobre finanças/Gibi de Super Heróis*. Primeiramente foi utilizada a revista digital, criada pela Marvel Comics, chamada *Os vingadores: Salvando o dia*, sendo abordados os conceitos básicos de economia em meio à guerra entre heróis e vilões (Fig.7). Após a leitura e comentários sobre o Gibi, os alunos fizeram atividades de escrita e interpretação, relacionando com situações e práticas financeiras de seu cotidiano.



Figura 7: Gibi – Os vingadores: Salvando o dia.

Fonte: Site Finanças Práticas.<sup>10</sup>

Os benefícios da história em quadrinhos para a educação já são reconhecidos, e inclusive, incentivados pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), que recomendam a história em quadrinhos como um gênero adequado para o trabalho com a linguagem escrita. Um dos objetivos gerais indicados para o Ensino Fundamental:

Utilizar as diferentes linguagens – verbal, matemática, gráfica, plástica e corporal – como meio para produzir, expressar e comunicar suas ideias, interpretar e usufruir das produções culturais, em contextos públicos e privados, atendendo a diferentes intenções e situações de comunicação (BRASIL, 1997, p. 69).

O autor Flavio Calazans (2004) concorda com o uso das histórias em quadrinhos em sala de aula, citando o resultado de uma pesquisa:

Segundo um artigo de Serpa e Alencar sobre HQ em sala de aula, publicado em 1988, na revista Nova Escola, ficou confirmado, após uma pesquisa sobre hábitos de leitura dos alunos, que 100% deles (ou seja, todos os alunos) gostavam mais de ler quadrinhos do que qualquer outro tipo de publicação (CALAZANS, 2004, p. 10).

A oficina citada foi conduzida somente pelas professoras regentes de cada turma, e a projeção do gibi digital foi feito no laboratório de informática da escola. Nessa data foi promovida a inserção com naturalidade do tema educação financeira, pois envolveu toda a equipe escolar, uma vez que os extensionistas não compareceram à escola.

Por fim, foram abordados no desenvolvimento das diversas oficinas os conceitos de como ganhar, poupar, reaproveitar, gastar com responsabilidade, entre outros. Nesse aspecto observou-se que as crianças reconhecem a diferença entre o certo e o errado quando o assunto é dinheiro. Nesse cenário, observou-se uma integração efetiva das atividades artísticas, de escrita, cálculos matemáticos, aspectos históricos, entre outros, com o tema educação financeira.

<sup>10</sup> Disponível em <<http://www.financaspraticas.com.br>>. Acesso em: 08 abril 2014.

## 4 Considerações finais

Tendo em vista a formação integral do aluno, a parceria nesse projeto foi importante tanto para discentes quanto para os docentes das duas Instituições. Um dos benefícios dessa interação foi a aproximação dos conhecimentos científicos com as diversas realidades dos envolvidos. Além disso, segundo as Diretrizes de Extensão, há a necessidade do comprometimento da comunidade acadêmica com interesses da sociedade, o que possibilita um diálogo mais direto com a comunidade escolar.

Destacam-se ainda alguns aspectos que colaboraram para que o projeto tivesse um melhor andamento: a coesão da equipe do IFPR, o apoio das direções de ensino e direção geral, uma vez que concederam os veículos de transporte (automóvel e ônibus) para levar os extensionistas à Escola Municipal Eny Caldeira, o espaço cedido no âmbito do IFPR para os ensaios da peça teatral, além da divulgação do projeto e oficinas no site do IFPR e nas redes sociais da Instituição. Já quanto à escola Eny Caldeira, destaca-se o envolvimento das docentes regentes e da supervisão pedagógica da escola, a qual possibilitou uma relação de entendimento e cortesia durante toda a realização do projeto.

Da mesma forma, o ponto considerado como limitante foi a falta de apoio financeiro ao projeto em questão. Salienta-se ainda que a colaboração de todos os envolvidos foi voluntária, não tendo bolsas de extensão aos alunos envolvidos. Uma das consequências dessa restrição financeira foi a escolha da escola convidada para participar do projeto, que se deu por ser próxima à residência da coordenadora do projeto. Outra situação foi a impossibilidade de tirar cópias do Gibi trabalhado, para que as crianças pudessem levar para casa, ficando o acesso ao material somente no laboratório da escola.

Por fim, a iniciativa desse projeto teve como proposta a inserção do tema educação financeira no ensino fundamental, mostrando sua relevância para a comunidade escolar. Além disso, oportunizou a sociabilização do conhecimento e contribuiu para a promoção da cidadania na escola. A abordagem do tema educação financeira colabora para a formação de um aluno-cidadão, mais crítico, proativo e autônomo em relação às finanças, pois bons hábitos obtidos nessa faixa etária são essenciais para que suas escolhas sejam adequadas a cada desafio do cotidiano.

## 5 Referências

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para Consumo**. Rio de Janeiro: Ed Zahar. 2007.

BRASIL. Lei nº 8.078, de 11 de setembro de 1990. **Dispõe sobre a proteção do consumidor e dá outras providências**. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L8078.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8078.htm)>. Acesso em: 22 maio 2014.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1997. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>>. Acesso em : 05 jun. 2014.

CALAZANS, Flávio. **Histórias em quadrinhos na escola**. São Paulo: Paulus, 2004.

CNC - Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo. **Peic – Pesquisa Nacional de Endividamento e Inadimplência do Consumidor 2014**. Disponível em: <<http://www.cnc.org.br/central-do-conhecimento/pesquisas/pesquisa-nacional-de-endividamento-e-inadimplencia-do-consumido-31>>. Acesso em: 23 jun. 2014.

D'AQUINO, C. **Educação financeira: como educar seu filho**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008. 180p.

DOMINGOS, Reinaldo. **Terapia Financeira**. São Paulo, Nossa Cultura, 2008.

DOMINGOS, Reinaldo. **Só a educação financeira pode mudar a realidade do endividamento**. Em: <<http://www.reinaldodomingos.com.br/artigos-sobre-educacao-financeira/so-a-educacao-financeira-pode-mudar-a-realidade-de-endividamento>>. Acesso em: 24 jul. 2015.

EKER, T. H. **Os segredos da mente milionária**: aprenda a enriquecer mudando seus conceitos sobre dinheiro e adotando os hábitos das pessoas bem-sucedidas. Rio de Janeiro: Sextante, 2006. 176p.

ENEF (2010). **Estratégia Nacional de Educação Financeira**. Portal Vida e Dinheiro. Disponível em: <<http://www.vidaedinheiro.gov.br/docs/PlanoDiretorENEF1.pdf>>. Acesso em: 21 maio 2014.

ENEF. **Estratégia Nacional de Educação Financeira**. Parte 2. Portal Educar para Investir – Educação Financeira. Disponível em: <<http://www.educarparainvestir.com.br/2015/02/estrategia-nacional-educacao-financeira-enef-educarparainvestir.html>>. Acesso em: 10 mar. 2015.

FEIJO, O. G. **O corpo e movimento**: Uma psicologia para o esporte. Rio de Janeiro: Shape, 1992.

OCDE (Organização de Cooperação e de Desenvolvimento Econômico). **Recommendation on Principles and Good Practices for Financial Education and Awareness**. 2005. Disponível em: <<http://www.oecd.org/daf/fin/financial-education/35108560.pdf>>. Acesso em: 15 mar. 2014.

SAVOIA, José Roberto Ferreira; SAITO, André Taue; SANTANA, Flávia de Angelis. **Paradigmas da educação financeira no Brasil**. Rev. Adm. Pública [online]. 2007, vol. 41, n. 6, pp. 1121-1141. Disponível em: < [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-76122007000600006&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-76122007000600006&script=sci_arttext)> . Acesso em: 22 março 2015.